

Redimida
da
Amanhecer

um spin-off de

Segredos
de um
Luar

Redimida do Amanhecer

um spin-off de

Segredos de um Luar

Ana Paula Hillary



1ª EDIÇÃO, 2022

Copyright © 2021 Ana Paula Hillary

Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial em qualquer meio. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos em resenhas críticas ou artigos de revista.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor, usados de modo fictício.

REVISÃO

Ryan Felix

DIAGRAMAÇÃO

Ryan Felix

CAPA

Ryan Felix

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Hillary, Ana Paula

Redimida ao Amanhecer / Ana Paula Hillary

206p — 1ª ed. — Bauru, 2022

Young adult

INSTAGRAM: segredosdeumluar

E-MAIL: anapaulah.autora@outlook.com

Sumário



SEGREDOS DE UM LUAR

9



REDIMIDA AO AMANHECER

153



AGRADECIMENTOS

205



Segredos de um Luar



OLIVIA

Quando o alarme tocou, eu já estava acordada. Aquele pesadelo havia voltado. Comecei a tê-lo depois que o meu pai morreu, um pouco mais de oito anos atrás.

Era sempre o mesmo. Eu corria desesperada, através dos galhos e folhas da floresta onde meu pai e eu costumávamos passear quando eu era criança. No sonho, eu sabia que aquela era a mesma floresta que ficava a dois quarteirões da casa que morávamos, mas não sabia por que estava ali. Tropeçando em pedras e raízes na escuridão iluminada apenas pela luz do luar, eu era perseguida por figuras que pareciam ser pessoas vestidas de preto. E eu sempre acordava com o mesmo susto — um deles surgia de repente em minha frente, e eu sentia que me desmanchava no ar, então eu abria os olhos de volta em minha cama.

Encarei o teto esperando sumir a ansiedade que sentia no peito. Levantei e fui direto ao banheiro me arrumar, tentando não pensar muito no que tinha acontecido. Foquei minha atenção para as roupas que usaria aquela manhã e caminhei até meu closet.

Uma das coisas que eu mais gostava no meu colégio era que não havia nenhum tipo de uniforme, apenas algumas regras da direção para evitar exageros — não era permitido usar saia acima do joelho, roupas muito justas, com rasgos ou com frases indecentes —, tirando isso os alunos podiam se vestir como quisessem. Eu não ligava muito para isso, já que qualquer tipo de roupa me caía bem.

Vesti uma saia jeans com botões na frente e um suéter branco, acrescentei meias $\frac{3}{4}$ com meu *all star* favorito, depois me posicionei em frente do espelho e forcei um sorriso de orelha a orelha, tirando uma foto para as redes sociais, como fazia toda manhã. Peguei de cima da escrivaninha minha bolsa que tinha arrumado no dia anterior e desci para a cozinha.

Minha mãe era a editora-chefe de uma revista de moda e beleza jovem adulta, por isso ela já vestia terninho e salto alto mesmo àquela hora da manhã. Ela sempre dizia gostar muito daquele trabalho, ele a permitia ser criativa e a mantinha em constante contato com a sua juventude. Eu cresci vendo o quanto ela se divertia criando *designs* e desenhos de modelos de acordo com a estação e aquilo me deixava encantada. Desde pequena nós duas montávamos desfiles com as roupas dela, nos momentos em que ela não estava ocupada demais trabalhando, e meu pai nos assistia. Eu decidi bem cedo que queria seguir seus passos e cursar moda também.

Passei pela sala, deixei minha bolsa sobre o sofá e andei até a cozinha, minha mãe estava lá colocando *waffles* em um prato para mim.

— Bom dia, filha, dormiu bem?

Decidi não contar a ela que eu tinha tido aquele pesadelo, não queria preocupá-la e não gostaria que me obrigasse a me consultar com um psiquiatra de novo. Lavar meu rosto com água fria foi o suficiente para me ajudar a sentir melhor. Eu respondi que tinha dormido bem e perguntei a mesma coisa.

— Eu também dormi muito bem, querida. — Ela se sentou na minha frente na mesa, começou a dar goles em seu café e ler as notícias no seu tablet, como sempre fazia. — Consegui terminar meu relatório ontem bem antes do que me programei, pude dormir tranquila.

— Mãe, falta muito pra terminarmos de resolver os preparativos da festa? — Coloquei um pedaço de *waffle* com mel na boca.

— Não muito, mas ainda temos tempo até o dia. Os convites devem ficar prontos logo. O *buffet*, a decoração e o salão já estão pagos. Só falta seu vestido, né? Você já sabe mais ou menos o que quer?

— Sim. Eu queria um modelo que combinasse com o tema que eu escolhi, quando podemos ir às compras?

— O que acha de eu te pegar na escola hoje? Tenho um tempo livre à tarde.

— Seria maravilhoso! Você me espera no estacionamento?
— Sorri com entusiasmo.

— Espero sim, mas não demore muito. — Ela se levantou e colocou seu prato na pia. — Vou precisar sair mais cedo, tenho que pagar umas contas no caminho para o trabalho. — Despejou um pouco mais de café em seu copo para a viagem. Me deu um beijo na testa e subiu até seu quarto para pegar suas coisas.

Minha mãe dirigia um dos carros mais seguros vendidos na região e deveria ser a única cidadã contra as leis que permitiam que adolescentes podiam tirar carteira de motorista aos dezesseis. Quando contei a ela que os pais de LeeAnn tinham a presenteado com um carro zero no seu aniversário no ano passado, ela respondeu: “*Eu não sou a mãe dela.*” Sendo assim, eu não podia simplesmente me locomover pela cidade quando bem quisesse e dependia sempre do carro e da vontade dela, e ela tentava estar sempre à disposição para que eu não insistisse na ideia. Mas nem sempre era possível, então quando eu precisava de uma carona, eu ligava para um antigo amigo do meu pai, que trabalhava como motorista. Eu o conhecia desde criança, ele sempre tentava me ajudar se eu precisasse ir a algum lugar na cidade.

Mesmo assim eu pedi a minha mãe que me desse um carro com teto solar quando eu completasse dezoito anos, mas ela ainda parecia estar indecisa.

— Não esquece de trancar a porta quando você sair. Até mais tarde, tchau!

— Não vou esquecer. — Continuei comendo meus *waffles* esperando que LeeAnn e Zoey viessem me buscar para irmos à escola, aproveitei para dar uma olhada em minhas redes sociais enquanto isso. Não demorou para que uma mensagem de Zoey chegasse, elas já estavam ali me esperando. Agarrei minha bolsa, me certifiquei de trancar a porta e corri até o carro.

— Oi, amiga! Arrasou no *look* hoje, eu amei, já tem muitas curtidas — LeeAnn disse assim que entrei, devia ter visto a foto que postei.

— Eu sei, meu estilo é simples, mas sofisticado, não tem erro — respondi enquanto colocava o cinto de segurança. Ela acelerou o carro e seguimos pela minha rua.

Eu conhecia LeeAnn desde o nono ano, quando ela foi transferida para a nossa escola. Além de muito bonita, ela era extremamente inteligente e sabia se comunicar como ninguém que eu conhecia. Tinha longos cabelos ruivos e uma pele pálida que realçava suas sardas, que ela sempre cobria, e destacava ainda mais a cor dos cabelos.

Quando estávamos a alguns quarteirões da escola, Zoey, que sempre sentava no banco de trás, tirou seus fones de ouvido e falou pela primeira vez desde que saímos de casa.

— Meninas, a inspetora Luce acabou de me mandar uma mensagem sobre uma aluna nova que está fazendo intercâmbio da Austrália. “Vocês vão estar disponíveis para apresentar o colégio para ela?”

— Uma aluna nova de outro país no meio do semestre? — LeeAnn franziu o cenho. — Como será que ela é? — Ela olhou para trás enquanto o sinal estava vermelho.

— Vou ver se consigo achar o perfil dela em alguma rede social, no site da escola só tem o nome. — Zoey procurou rapidamente em seu *smartphone*. — Encontrei! Deve ser ela.

Zoey virou o celular e olhamos para a tela. A foto mostrava a suposta aluna nova em frente a uma parede branca, seus cabelos eram vermelhos como fogo, muito improváveis de serem naturais, mas muito perfeitos para serem tingidos. Seus olhos contrastavam com sua pele, sendo bem escuros, e não havia nenhum sinal de sardas no rosto dela. Apesar de estranha, ela exalava uma beleza indiscutível. Ela não sorria na foto, tinha uma expressão enigmática que me fazia lembrar das modelos impressas na revista da minha mãe.

— O *feed* dela é privado. Só consigo ver essa foto.

— Nossa, ela é assustadora! — LeeAnn soltou um riso seco. — Meu ruivo é bem mais bonito, não? — ela disse no que era para ser um tom debochado, mas era possível palpar a insegurança naquela fala.

— Com certeza, mas ela não deveria ser tão pálida assim, na Austrália tem tanta praia. — Zoey olhou a foto mais de perto.

Me virei para frente, abaixei o quebra sol para usar o espelho e passei um pouco de batom rosa quase cor de boca.

— Talvez ela fique toda vermelha ao invés de bronzeada como eu, por isso evita as praias, mas eu achei que essa aparência combina muito bem com ela, vocês não acham?

— É, foi o que pensei também. — Zoey colocou os fones de volta no ouvido e LeeAnn avançou no sinal verde.

Zoey era minha amiga desde o início do oitavo ano, o ano que me mudei para esse bairro e entrei na escola. Ela fazia parte do comitê de boas-vindas — que hoje todas nós fazemos parte —, e me mostrou toda a escola no meu primeiro dia. Logo nos tornamos amigas inseparáveis. Ela era criativa, artística e tinha uma paixão incondicional por música, apesar de não tocar nenhum instrumento. Sempre dizia que as músicas eram seu refúgio. Tinha cabelos castanhos claros e olhos verdes, a pele extremamente bronzeada por passar as férias na praia frequentemente com sua família, ela era linda. Minha mãe sempre disse que se ela quisesse podia ajudá-la a seguir carreira de modelo, mas não parecia que ela se interessava muito. Seu namorado Owen era do time de futebol da escola e eles já estavam juntos há bastante tempo. Ele tinha muita sorte.

Nós três éramos as garotas mais populares do colégio, não por acaso. Organizávamos praticamente todos os eventos que aconteciam na escola, e quando planejamos o baile de inverno do ano passado, os alunos gostaram tanto que começaram a nos venerar. Eu não os culpava.

LeeAnn manobrou o carro no estacionamento e seguimos para a entrada.



SCOTT

As grandes portas se abriram e os murmúrios alvoroçados começaram a ecoar pelo grande salão. Nós entramos e caminhamos até nossas cadeiras. Todos os membros principais do Conselho estavam ali presentes, a expressão em seus rostos era enigmática, como sempre. Mas pareciam preocupados e bastante ansiosos, assim como todos nós.

Eu não estava esperando uma reunião tão de última hora, fomos todos convocados para nos apresentar no salão principal do nada e sem muita explicação, mas sabíamos que só podia significar uma coisa. Havia uma grande missão.

Quando todos nos acomodamos na extensa mesa de reunião, nosso Líder começou a falar.

— Hoje pela manhã, nossos sensores localizaram uma possível Doppel. Tive a confirmação pelos Rastreadores que mandei para lá há algumas horas. Mas não sabemos o motivo de não a termos detectado antes, uma vez que eles descobriram que ela já está prestes a completar dezessete anos.

“Ainda estamos verificando para descobrir o motivo pelo qual ela não foi localizada antes, o sinal que veio de Preston City nessa madrugada estava particularmente forte. — Ele apontou seu controle compacto para o amplo telão que se estendia do chão ao teto e nos mostrou todas as informações que os Agentes tinham compilado sobre ela até o momento. O ponto vermelho ao norte da cidade indicava sua localização. Reparei na foto que mostrava a garota de longos cabelos loiros e olhos azuis. Assim que a vi senti

uma pontada no lado esquerdo do peito, como se uma batalha tivesse começado ali. Mas tão rápido como a dor começou, ela terminou, e me deixou questionando o motivo. — Ela se chama Olivia Harrison, tem dezesseis anos, ou seja, faltam menos de dois anos para a transformação acontecer por completo. Ela frequenta o colégio *East Preston*, e reside com a mãe no subúrbio da cidade.”

Ele trocava olhares firmes com todos que estavam ali.

— Como vocês perceberam, teremos que fazer uma abordagem diferente dessa vez, já que estamos com muito pouco tempo. Já mandei alguns de nós para completarem a primeira fase da missão e fiquem atentos caso os Guardiões da Lua resolvam aparecer.

Os Guardiões da Lua eram um clã que se autoproclamava justiceiro. Eles viviam à margem da nossa sociedade e da sociedade dos humanos, em florestas, cavernas, locais escuros e remotos onde ninguém pudesse os encontrar, e sempre tentavam descobrir o local onde os Doppels eram treinados. Muitos haviam sido exilados da nossa organização por discordarem de nossos líderes e acharem que pessoas como nós tiravam o equilíbrio do universo, apesar de possuírem algumas habilidades como as nossas também — o que tornava a causa deles não muito justa. Eram considerados por todos aberrações. Eles eram o motivo pelo qual Rastreadores e Agentes eram treinados, em sua maioria desde a infância, para que pudessem encará-los em alguma luta que viesse a surgir. Éramos sempre programados para matá-los se tivéssemos a chance. No entanto, nosso sistema de defesa era tão tecnológico e impenetrável que mal tínhamos a necessidade de enfrentá-los cara a cara.

O papel do Concelho era designar equipes para o local onde os Doppels moravam, e era o nosso dever se infiltrar em suas vidas de alguma maneira, para que ficassem seguros até o fim da transformação. O Concelho então avaliava se o Doppel tinha potencial para assumir algum cargo na Corporação ou em um dos

oito Concelhos, que ficavam espalhados por todo o mundo. Na maioria das vezes eles eram apenas mandados para o nosso campo de treinamento de localização extremamente secreta, para que vi-rassem novos Agentes, Soldados, Rastreadores ou qualquer outro cargo necessário na Fortaleza.

Nosso Líder tomou um gole tímido da bebida em seu cálice de prata e continuou:

— Achamos que esta garota pode ser diferente dos outros, o fato de só conseguirmos rastreá-la agora, um pouco antes da primeira fase acontecer, ergue suspeitas de que ela possa ser como eu. — Assim que ele pronunciou essas palavras o murmúrio voltou a correr pelo salão. Há muito tempo não se achavam Doppels assim, ele foi o último e quase acabou sendo morto pelos Guardiões da Lua. — Se for verdade, essa pode ser a razão de sua detecção tardia, seus poderes poderiam estar neutralizados pelo próprio organismo como forma de autoproteção. Se for assim, sua transformação é iminente, portanto, ela precisa de nossa máxima proteção. Nesse momento aqueles assassinos já devem saber de sua existência e arquitetam um plano para matá-la. Vendo a gravidade da situação, decidi mandar uma equipe de extrema capacidade e confiança para assumir essa missão.

Nosso Líder, Stravos, era o Doppel que entre nós possuía os poderes de maior intensidade, havia se transformado com apenas dezesseis anos, antes que todos os outros membros mais velhos dos Concelhos, portanto já era muito respeitado antes de se tornar Líder e seguia na liderança até hoje. Ele atravessou pelo salão se aproximando atrás de todas as cadeiras e observando de perto todos que estavam sentados, ruminando intensamente em quem deveria mandar para essa viagem. Ninguém se mexia quando ele se aproximava, ficávamos todos imóveis esperando sua análise. De volta ao seu assento, ele pigarreou para que todos prestassem atenção, como se já não estivessem. Sua escolha arrepiou os pelos da minha nuca.

— Como a família Montewood teve êxito em sua última e bastante complexa missão, eu creio que possuam a experiência e a prática que necessitamos nesse momento. Harley. — Ele encarou de um modo intenso a garota sentada ao meu lado. — Você poderia começar a frequentar a mesma escola e se aproximar de nossa Doppel. Protegê-la no colégio e cuidar para que nada saia do controle caso a transformação comece antes da hora.

— Não. Eu não vou ser babá dessa Doppel só porque você quer. Não conte comigo. — Harley cruzou os braços. Se fosse possível, se ouviria a sala toda revirar os olhos. Harley e seu temperamento. *Algum dia desses vai ter o que merece*, era o que vários pensavam. Me irritava, mas não deixava de ser verdade. Ela passava dos limites.

Stravos curvou-se lentamente sobre a mesa e deu um soco, cravando seu punho na madeira. O barulho ecoou-se pela sala e fez alguns pularem de susto. Seus olhos cintilavam de raiva.

— Como ousa dizer isto?! Se ela terá as mesmas habilidades que eu, ela deverá ser minha sucessora. Você faz o que eu disse, é uma ordem! — Terminando de repreendê-la, ele se virou para nós ao seu lado. — Vocês partem pela manhã, então sugiro que arrumem as malas rápido. Vou mandar outros Agentes cuidarem do resto, inclusive sua matrícula, senhorita Harley.

Assim que terminou de falar, respirou fundo e balançou as mãos, indicando que a reunião tinha chegado ao fim.

Minha irmã se levantou bruscamente e saiu da sala pisando duro entre os outros.

Nossos pais esperaram todos se retirarem para poderem falar a sós com Stravos, esperei ao lado deles.

— Nos desculpe pelo comportamento de nossa filha, ela não costuma ser assim. — Meu pai mentiu, sabia que Stravos podia fazer o que quisesse com ela se lhe desse vontade, então tentou amenizar a situação.

— Ela só está mal-humorada pela última missão, não foi

tarefa fácil — garantiu minha mãe, sem contar detalhes.

Na última missão, minha irmã havia se apaixonado e se envolvido com um humano por semanas bem debaixo dos nossos narizes. Quando minha mãe descobriu, chamou imediatamente a Agente Lilah para que com a habilidade dela de hipnose fizesse com que o garoto esquecesse completamente que um dia havia conhecido minha irmã. Não é preciso dizer que isso a deixara furiosa. Mas foi inevitável. Para nós que fomos treinados com o único propósito de atender as missões designadas pelo Concelho, tentar se envolver romanticamente com um humano era mais que um crime, era um desrespeito pago com a morte se chegasse perto dos ouvidos do nosso Líder.

— Não sei... — Stravos estreitou seus olhos acinzentados. — Ela me parece estar bastante fora da linha. Suas ideias e o modo como ela contesta nossas autoridades são inaceitáveis. Dignas de uma má educação.

Meus pais nem tentaram se defender, era unânime a rejeição de todos pelas atitudes de Harley e nós tínhamos muita sorte de ela já não ter sido assassinada muito tempo atrás. Reconheciam e agradeciam que, apesar de tudo, Stravos tinha uma tolerância supérflua com minha irmã, essa que ele não precisava ter e não tinha com mais ninguém — se fosse qualquer outro dirigindo aquelas palavras a ele, seria dizimado ali mesmo.

Caminhamos através das ruas da Fortaleza, cercados pelas paredes de pedra onde nós morávamos. Ela foi construída no estilo rústico a partir das ruínas de um antigo castelo com cerca de cem anos de idade. A geração passada dos Líderes se dedicou para que esse lugar tivesse tudo que nós precisaríamos para não termos que nos expor aos humanos sem necessidade. Ela era protegida por um escudo levantado por alguns de nossos Agentes que dava a ilusão de que havia apenas ruínas velhas e desertas nesse local, o que ajudava a confundir visitantes indesejados, mas por dentro era como uma cidade normal com residências e centros comerciais.

Eu morava aqui desde pequeno e ainda ficava impressionado com a beleza e precisão como tudo havia sido feito.

Em casa, começamos a arrumar nossas malas como Stravos havia ordenado.

— Cadê a Harley? — perguntei ao meu pai.

— Onde você acha?

Sempre que Harley se chateava, ela subia até o telhado de casa. Ou seja, ela estava sempre por lá. Costumava observar toda a cidade sob as estrelas para se acalmar, em uma das vezes em que subi para lhe fazer companhia ela me explicou o que a acalmava tanto: ver de lá de cima, todas as pessoas vivendo e exercendo suas funções na nossa cidade a fazia compreender sua posição, entender que ela apenas fazia parte de um coletivo e aquilo a ajudava aceitar melhor qualquer ordem que era imposta a ela. Assim como, mais acima, estavam as milhares de estrelas minúsculas formando o universo, estávamos ali formando a nossa sociedade. Eu subi no telhado de casa pela escada que havia na lateral, a encontrei sentada no lugar de sempre. A luz da lua iluminava seu rosto e suas lágrimas.

— Você está bem? — Me sentei ao seu lado e afaguei seus braços.

— Não. — Ela tinha raiva, não tristeza. Não se conformava. — Por que tenho que ir para uma escola e fingir ser amiguinha dessa Doppel? Sério, por que tudo sobra para mim?!

— Ei, calma, você não é a única que vai para essa missão. Tem os Rastreadores, nossos pais, os Agentes, eu... Não há necessidade de tanto sofrimento, eu achei que você gostasse de sair em missões, sempre fica entediada quando a gente volta. — Ela era minha irmã e eu a amava, mas tanto quanto o resto de nós, eu não conseguia entendê-la. Mas tentei confortá-la antes de entrarmos, para que ela não deixasse nossos pais mais chateados do que já estavam.

— Eu gosto. Mas é claro que ficar de babá de uma garota

mimada de Preston não é uma missão, é um castigo. E nós acabamos de voltar de uma outra missão que levou um pedaço de mim. — Ela já estava recostada em meus ombros quando terminou de falar, e eu não fazia ideia do que deveria responder. Não sabia o que era se apaixonar por alguém, nunca havia acontecido comigo. Não tinha a menor noção do que ela podia estar sentindo.

Eu sequei suas lágrimas e assegurei que ficaria tudo bem. Descemos do telhado e fomos nos preparar para a viagem do dia seguinte.

E como foi ordenado, logo pela manhã pegamos nosso voo para Preston City. Harley e eu nos sentamos juntos e nossos pais dormiam nas poltronas de trás. Ela tomava um copo de café e lia uma revista, enquanto eu acessava o site do colégio de Olivia no meu notebook. Não encontrei muita coisa, algumas postagens sobre a pedagogia dos professores, compilados de feiras de ciências, nome dos alunos em cada sala, imagens de gincanas dos alunos mais novos... Senti um frio na barriga quando por acaso acabei encontrando uma foto de Olivia com outras duas garotas, todas de vestidos brancos, em pé abaixo de uma grande faixa azul que dizia BAILE DE INVERNO. A foto foi tirada na entrada de um salão, via-se vários flocos de neve brilhantes pendurados no teto e luzes azuis para todo lado, dando o aspecto invernososo para o ambiente. Fiquei encarando o sorriso de Olivia por um tempo.

— Scott, por que está vidrado nessa foto? — Harley me encarou por cima da revista, com cara de tédio. — Cruz credo! Parece que está obcecado pela garota, não parou de falar nela o caminho todo para cá.

— Eu só estou tentando encontrar mais informações sobre ela. O relatório que recebemos é vago demais, e vamos ter que conversar com ela em algum momento, que assunto vamos abordar? E se você souber de alguma outra coisa que podemos fazer